



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

LÁGRIMAS DO EXÍLIO – UM CASO DE HOMOFOBIA

Autora: Amanda Alves de Souza¹
Co-autora: Lúcia Temóteo²
Co-autor: José Danilo de Araújo Silva³

Faculdade Santa Maria
luciatemoteo@gmail.com
amandaalveskd@yahoo.com.br
danilo.una@hotmail.com

Este artigo é um estudo de caso e traz algumas reflexões teóricas a partir de um relato de um caso de homofobia que aconteceu numa cidade do interior do Nordeste, cujo agressor foi um promotor público e a vítima um jovem de 24 anos. Tem como objetivo entender a repercussão desta agressão na vida da vítima. Para tanto, busca-se em autores que tratam desta questão entender a manifestação da homossexualidade, o conceito de homofobia, assim como, os efeitos desta violência na vida emocional da pessoa. O estudo traz como resultado a constatação de que a homofobia leva às pessoas a sentirem-se com a autoestima baixa, culpadas e deprimidas. Levando-as ao exílio e algumas ao suicídio. Mostra o efeito perverso da normatização de corpos implementados pelo do Estado e pela religião. Aponta, ainda, para a necessidade da academia reformular e repensar teorias que contemple a voz do público LGBT.

Palavras-chave: homossexualidade, homofobia, sexualidade.

¹ Aluna do Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade Santa Maria - Cajazeiras (PB).

² Mestra em Educação, professora do Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade Santa Maria – Cajazeiras (PB).

³ Aluno do Curso de Bacharelado em Psicologia da Faculdade Santa Maria – Cajazeiras (PB).



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Desde a infância nos são impostos modelos de homem e mulher a serem seguidos. O que fica então estabelecido é que nascido com o pênis ou a vagina a pessoa deverá assumir atitudes, sentimentos, desejos e posturas em conformidade com um conjunto de performances destinadas para cada sexo. Evidentemente o modelo a ser seguido é o heterossexual e qualquer manifestação que contrarie a esta normatividade deverá - o *infrator* - ficar sujeito as mais terríveis violências. Neste artigo abordaremos uma cruel violência contra os direitos humanos: a homofobia. Tem como objetivo explicitar a partir da perspectiva da pessoa agredida a repercussão dessa experiência em sua vida emocional. Para tanto, é a voz de Augusto, que aqui é ecoada, valorizada, respeitada e refletida. O relato de Augusto foi gravado e transcrito pela autora deste trabalho. Trata-se, portanto, de um estudo de caso.

Augusto foi o nome fictício escolhido pelo nosso entrevistado, após uma pausa e hesitação. Ele tem 24 anos, é negro, solteiro, estudante do curso de história em uma Universidade Federal, apresenta-se como homossexual do sexo biológico masculino e sexo identitário masculino, porém ressalta, “por enquanto”, não tem religião. Reside em um bairro de periferia em uma cidade do Sertão nordestino, com a avó e uma irmã, e a renda familiar declarada é de um salário e meio.

O jovem diz que embora não tenha recebido violência física, ouviu muitas piadas a respeito de sua sexualidade ao longo de sua vida e quando assumiu um trabalho num espaço institucional percebeu que as suas atividades sofriam entraves por conta de sua orientação sexual. Ele tem consciência de que sofre agressões por conta dos “papeis pré-definidos (...) e eu simplesmente não sigo isso, como casar, como ter filhos, como ter uma vestimenta dita como masculina e ocupar papéis que são colocados entre mil aspas de homem.”

Augusto relata uma experiência de homofobia que, para ele, foi especialmente marcante. Durante um período de sua vida ele assumiu um trabalho na Secretaria da mulher de sua cidade, e ao divulgar um evento sobre LGBTfobia no Ministério Público,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

o promotor que estava presente interrompeu a leitura da Bíblia que fazia para um outro funcionário, mostrando-se interessado em receber o material, entretanto, “quando ele leu o convite ele jogou no chão”. Ao ser questionado pelo jovem, o promotor respondeu: “joguei e jogaria se fosse outro conteúdo desse, eu jogaria de novo porque eu não concordo com a luta de vocês”. Mesmo abalado o rapaz retomou o questionamento, lembrando ao promotor de sua condição de cidadão que paga impostos e que ele não poderia agir de tal forma em nome de uma fé. Foi então que o promotor “esfregou a bíblia” na cara do rapaz. Augusto foi às lágrimas, ficou andando, nervoso, dentro daquele espaço inimigo, de um lado para o outro, sentindo-se humilhado e sem saber como se defender de um agressor que exerce um cargo de poder desta magnitude.

Desesperado, Augusto procurou ajuda junto à família, aos amigos e no trabalho, mas a resposta era unânime: não dá para brigar com alguém tão grande. Ainda assim o jovem formalizou uma denúncia no Disque 100⁴. O promotor, ao ser ouvido, acusou o rapaz de questioná-lo o uso da Bíblia. O rapaz percebendo o fracasso do desfecho de sua ação, decidiu não dar prosseguimento a sua denúncia:

senti muita dor de cabeça no dia que isso aconteceu, coisa que também não é comum fisiologicamente pra mim, eu não sou uma pessoa de sentir dor de cabeça. Chorei muito no dia e depois disso fiquei muito mal por não conseguir dar uma resolução a isso e saber que outras, outras milhares de pessoas passam por isso cotidianamente e não tem solução. Então eu acho assim, que isso realmente me afetou muito. (AUGUSTO)

Na tentativa de entender as lágrimas de Augusto buscamos alguns autores que trabalham com a questão homossexual/homofobia. São inúmeras as publicações que tratam desta questão, e elas surgem nos mais diferentes campos do saber. Enquanto a

⁴ Serviço público que acolhe denúncias que envolvam violações contra os Direitos Humanos de toda a população, especialmente de Grupos Sociais Vulneráveis como idosos, crianças, adolescentes, pessoas portadoras de deficiências, moradores de rua e pessoas LGBT.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

homofobia passear livre e impunemente nas praças, no trabalho ou na intimidade do lar, estudos se multiplicarão.

Louro (2001) afirma que a homossexualidade foi uma invenção que veio junto com o século XIX, dizendo ainda que antes disso as relações entre pessoas do mesmo sexo já aconteciam, porém passaram a ser “escancaradas” somente nessa época. Esta autora diz que ao colocar essa questão de maneira aberta à sociedade, os indivíduos passaram a “se expor a todas as formas de violência e rejeição social” (p. 2)

Mas o aceitar-se enquanto homossexual e demonstrar isso aos outros não significa ausência de agressões mentais e/ou físicas; os indivíduos que se admitem e assumem seus desejos homoafetivos perante os outros ainda recebem olhares e comentários pejorativos, isso quando não passam a serem agredidos fisicamente por preconceituosos extremos (Castro, Abramovay & Silva, 2004).

Os autores Bento, Gonçalves e Prizmic (2007) citam alguns mitos que são colocados acerca da homossexualidade na raça humana como, por exemplo, que foi o ambiente familiar que fez com que a pessoa “virasse” homossexual; que todo homossexual está destinado ao isolamento e à solidão já que não podem constituir uma “família”; que os homossexuais são, na verdade, heterossexuais reprimidos; que todo homossexual deveria manter relações sexuais com o sexo oposto para conseguir ter a certeza sobre os seus desejos; que todo homem gay é efeminado e toda lésbica é masculinizada; que todo gay e travesti gostaria de ter nascido mulher; que a interação através da amizade entre heterossexuais e homossexuais faz com que todos esses se tornem homossexuais; que o homossexual ativo não é necessariamente gay; que todo homossexual é possuidor de promiscuidade e sempre está envolvido com vários parceiros diferentes. Porém, estes mesmos autores justificam cada ponto colocado acima como uma ideia errônea que é lançada sobre o assunto, afirmando que:

Muitas pessoas ainda acreditam que podem ‘justificar’ qualquer orientação sexual que não seja hetero a partir de razões externas. Outras alimentam crenças sobre castigos, pecado e culpa. O fato é que não passam de crenças



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

limitantes, de rótulos que nos distanciam da essência das pessoas, que nos fazem perder a chance de conhecê-las como realmente são. (Bento, Gonçalves & Prizmic, 2007, p. 129)

A Presidente da *Associação das Travestis e Transexuais do Rio de Janeiro*, Vice-presidente da *Articulação Nacional de Travestis e Transexuais* e Vice-presidente do Estado do Rio de Janeiro, Marjorie Marchi, em seu texto publicado pelo Conselho Federal de Psicologia (2011) relata que passou por situações como, por exemplo, ser questionada sobre sua opção de “deixar de ser homem e virar mulher”. Marjorie relata que este questionamento vem das próprias mulheres, quando afirmam que a transexual não é uma mulher de verdade. Observa-se com isso a extensão do preconceito quando a questão da sexualidade está envolvida.

Borrillo (2001) define a homofobia enquanto sendo:

Atitude de hostilidade para com os homossexuais. O termo parece ter sido utilizado pela primeira vez nos Estados Unidos, em 1971, mas foi somente no final dos anos 1990 que ele começou a figurar nos dicionários europeus. Embora seu primeiro elemento seja a rejeição irracional ou mesmo o ódio em relação a gays e lésbicas, a homofobia não pode ser reduzida a isso. Assim como a xenofobia, o racismo ou o antissemitismo, ela é uma manifestação arbitrária que consiste em qualificar o outro como contrário, inferior ou anormal. Devido a sua diferença, esse outro é posto fora do universo comum dos humanos. (2001, p.01)

A homofobia, especificamente, é um fenômeno complexo e variado que pode ser expresso desde agressões verbais, como piadinhas, até mesmo através de formas mais extremas - agressão física ou homicídio de indivíduos homossexuais. A exclusão dos homossexuais demonstra que eles são culpados por “carregar um pecado” que, na maioria das vezes, é visto enquanto espiritual e, por isso, precisam pagar por tal “crime”; e isto é colocado pelos homofóbicos como algo lógico. (Borrillo, 2001).

Este mesmo autor ainda complementa afirmando que:

homofobia se converte assim na guardiã das fronteiras sexuais (hetero/homo) e de gênero (masculino/feminino). Por isso os homossexuais não são as únicas vítimas da violência homofóbica, que também atinge todos aqueles que não se aderem a ordem clássica dos gêneros: travestis, transexuais, bissexuais, mulheres heterossexuais com forte personalidade, homens



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

heterossexuais delicados ou que manifestam grande sensibilidade.” (Borrillo, 2001, p. 16).

A manifestação de exclusão dirigida aos que possuem o sexo biológico diferente do sexo psicológico contribui para que a partir da adolescência o jovem torne-se alguém frustrado dentro de sua própria sexualidade, pois as tentativas de relacionamentos heterossexuais acontecerão com o intuito de “dar satisfações” aos familiares, amigos e sociedade em geral.

Em outros casos, o jovem consegue admitir-se homossexual perante si mesmo, porém, muitas vezes, tenta fazer com que essa admissão seja algo reservado, onde poucas pessoas de seus núcleos terão acesso, o que ainda causa sofrimento por medo de que os outros saibam o que ele realmente sente (Castro, Abramovay & Silva, 2004).

A psicanalista e doutora em psicologia clínica, Patrícia Porchat - através de uma palestra que foi posteriormente publicada pelo Conselho Federal de Psicologia (2011) - relata que a maioria dos indivíduos que buscam acompanhamento psicológico em sua clínica apresentam baixa autoestima, desconforto e culpa e na maioria das vezes não estão conscientes desse fato. A autora evidencia que considera a homossexualidade a partir do momento que o indivíduo se identifica enquanto sendo de certo sexo biológico e exprime sentir desejos sexuais por outro do mesmo sexo biológico. Alerta, entretanto, que tal definição não se detém somente a este fato e que na verdade esse é o ponto de partida.

Rodrigues, Assmar e Jablonski (2010) afirmam que o preconceito pode apresentar resultados devastadores e níveis diferenciados, além de poder acontecer dentro de qualquer classe social, fluindo inclusive das minorias sociais para as majorias, o que passa a depender da organização cotidiana que é imposta a tais sociedades. O sentimento preconceituoso e o ato discriminatório dizem bem mais de quem o pratica do que de quem o recebe, mas isto não está totalmente desassociado deste segundo sujeito.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

A discriminação e o preconceito são o resultado das rotulações e estereótipos que são colocados aos outros diante as “classificações” sociais que são criadas, na maioria das vezes, de maneira automática. (Crochik, 2006) “Os psicólogos sociais contemporâneos identificam o estereótipo como sendo a base cognitiva do preconceito” (Rodrigues et. al., 2010).

Marina Castañeda (2007) afirma que

quando uma pessoa se reconhece homossexual, não existem benefícios visíveis. Ao contrario: abre-se diante dela um futuro isolado e marginalizado que provavelmente trará conflitos com a família e a sociedade. Assumir-se homossexual não parece uma volta ao lar, mas, antes, um exílio. (2007, p. 46)

Sendo assim, alguns autores, como Hardin (2000) e Castañeda (2007) acreditam que o não admitir-se homossexual e a tentativa de enquadramento na heteronormatividade que é imposta nas sociedades consideradas organizadas e/ou evoluídas, leva tais pessoas ao sofrimento psicológico em grau avançado, podendo fazer com que estes passem a seguir modos de vidas acarretados por momentos desprazerosos.

Seguindo a mesma linha, Silva, Teixeira Filho e Santos (2013) descrevem estes processos enquanto sendo a negação dos desejos sexuais; a tentativa de não sentir-se atraído por outra pessoa do mesmo sexo; compensar as frustrações sexuais sendo considerado bom em outras atividades que estejam fora deste âmbito, geralmente ligadas à educação ou ao trabalho; baixa autoestima agregada a processos como a depressão ou a defensiva; exibição de desprezo pelos que assumem posturas dentro da comunidade LGBT; negação sobre a existência da homofobia e que esta é um problema considerado grave; “*projeção de preconceitos em um outro grupo alvo*” (p. 4); tendência a ter posturas psicológicas ou físicas consideradas abusivas; tentativas de aprovações sociais como por exemplo a aquisição de um casamento heterossexual; relações sexuais sem segurança em relação a Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST's) ou até mesmo o risco de uma gravidez não desejada ou de risco; passar a não



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

manter intimidade com companheiros e separação entre o amor e o prazer, seguindo o celibatário em muitas das vezes; e ainda o abuso de substâncias, seja de comida, drogas ou quaisquer outras.

Halperin (2004) citado por Perilo, Pedrosa, Braz e Melo (2010) afirma que o cidadão, enquanto um ator político, precisa estar inserido em meio às lutas que trabalham contra a desigualdade, e este movimento deve se dar através de organizações sociais, religiosas, partidos políticos, associações profissionais ou quaisquer outros tipos de instrumentos.

Mas o que Augusto fez para ser agredido? As razões são: por expor o seu corpo abjeto pelas ruas da cidade; por trazer em suas mãos o documento que reafirmaria a sua orientação sexual; por contrariar a lei organicista da relação direta sexo e procriação; pela blasfêmia de chegar naquele recinto justamente num momento imaculado, sagrado, onde a Palavra estava sendo lida e aparentemente exercida; pela ousadia de lembrar da sua condição de cidadão de direito para àquele defensor das leis. Se, por um lado, as lágrimas do jovem têm sabor de revolta, de impotência, de pequenez e de exílio; por outro, tem a cor da resistência ao se contrapor ao que é normativo, normal, legal e próprio.

Ainda assim, não podemos perder de vista, o número expressivo de pessoas que cometem suicídio por não suportar os ataques homofóbicos. Alguns se deprimem e se isolam. São vítimas de um exílio forçado, sendo-lhes negado o direito da convivência familiar, de relacionar-se com colegas dentro da escola e na sociedade como um todo. Augusto está inserido em três categorias excludentes: homossexual, negro e pobre. Além disso é universitário e ativista LGBT. Este conjunto de inserção do jovem provavelmente contribuiu para que o promotor não suportasse aquela presença (des)qualificada em seu ambiente de trabalho.

A experiência vivida pelo rapaz levanta, no mínimo, uma grande questão: as práticas repressoras do Estado e das religiões sobre as pessoas e a ingerência sobre os



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

seus corpos. Obrigando a academia a refletir sobre o seu papel no sentido de fornecer elementos para o entendimento dessas práticas e as reformulações teóricas que dialoguem com as diferenças e a dissidência de gênero.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

Referências Bibliográficas

BENTO, J., GONÇALVES, M. C., PRIZMIC, P. **Sexualidade: Autoconhecimento e Qualidade de Vida**. São Paulo: Alaúde Editorial, 2007.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**. Ed. Bellaterra. Espanha, 2001.

CASTAÑEDA, Marina. **A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas**. Tradução de Brigitte Hervot e Fernando Silva Teixeira-Filho. São Paulo: A Girafa Editora, 2007.

CASTRO, M. G. ABRAMOVAV, M. SILVA, L. B. **Juventudes e Sexualidade**. UNESCO. Brasília – DF, 2004.

CROCHIK, J. L. **Preconceito, Indivíduo e Cultura**. 6ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

HALPERIN, David. **San Foucault: Para Una Hagiografia Gay**. Ed. El Cuenco. Córdoba, 2004.

HARDIN, Kimeron N. **Auto-estima para homossexuais – Um guia para o amor-próprio**. Tradução Dinah Kleve. São Paulo: Editora GLS, 2000.

LOURO, Guacira Lopes (2001). **Teoria Queer - Uma Política Pós-Identitária Para a Educação**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8639.pdf>>. Acessado em 30 de outubro de 2014.

MARCHI, Marjorie. CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicologia e Diversidade Sexual: desafios para uma sociedade de direitos**. Brasília: CFP, 2011.

PERILO, M., PEDROSA, C., BRAZ, C. A. de, MELLO, L. (2010). **Entre a AIDS e a Integralidade: Travestis, Transexuais, Bissexuais, Lésbicas e Gays nas Políticas Públicas de Saúde no Brasil**. Disponível em: <<http://www.sertao.ufg.br/politicaslgbt/interna.php?id=4>>. Acessado em 17 de outubro de 2014.

PORCHAT, Patrícia. CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicologia e Diversidade Sexual: desafios para uma sociedade de direitos**. Brasília: CFP, 2011.

RODRIGUES, A., ASSMAR, E.M. L., JABLONSKI, B. **Psicologia Social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E DE SEXUALIDADES

SILVA, A. P. O., TEXEIRA FILHO, F.S., SANTOS, K. Y. P. **Caracterização das vítimas de homofobia atendidas na clínica escola de psicologia.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônico), Florianópolis, 2013.